

Quais são as barreiras da criação? Este é o principal questionamento revisitado no livro. A prática tradicional pode ser revolucionada de forma sutil, desde a construção textual até a inter-relação com outros conhecimentos. Aqui veremos combinações de efeitos luminosos revelarem termos dentro de palavras. Os poemas furtá-cores convidam a buscar a poesia no poema, estimulam a inventividade e demonstram que sempre haverá novas possibilidades na literatura. Trata-se de um livreto que manifesta o potencial da arte em sua pureza. Resulta de uma tarefa ousada e despretensiosa nos (des)caminhos da poética.

Geraldo Lavigne de Lemos



GERALDO LAVIGNE DE LEMOS

POEMAS  
**FURTÁ-  
CORES**



Editora da UESC

POEMAS

# Furta-Cores



## Universidade Estadual de Santa Cruz

---

### GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA

RUI COSTA - GOVERNADOR

### SECRETARIA DE EDUCAÇÃO

WALTER PINHEIRO - SECRETÁRIO

---

### UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ

ADÉLIA MARIA CARVALHO DE MELO PINHEIRO - REITORA  
EVANDRO SENA FREIRE - VICE-REITOR

---

### DIRETORA DA EDITUS

Rita Virginia Alves Santos Argollo

#### Conselho Editorial:

Rita Virginia Alves Santos Argollo – Presidente  
Alexandra Marselha Siqueira Pitolli  
Eduardo Lopes Piris  
Evandro Sena Freire  
Guilhardes de Jesus Júnior  
Jorge Henrique de Oliveira Sales  
Josefa Sônia Pereira da Fonseca  
Lessí Inês Farias Pinheiro  
Luciana Sedano de Souza  
Lurdes Bertol Rocha  
Maria Luiza Silva Santos  
Ricardo Matos Santana  
Rita Jaqueline Nogueira Chiapetti  
Sabrina Nascimento

---

GERALDO LAVIGNE DE LEMOS

P O E M A S

# Furta-Cores

Ilhéus - Bahia



2018

©2018 by GERALDO LAVIGNE DE LEMOS

Direitos desta edição reservados à  
EDITUS - EDITORA DA UESC

A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio,  
seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

Depósito legal na Biblioteca Nacional,  
conforme Lei nº 10.994, de 14 de dezembro de 2004.

PROJETO GRÁFICO, DIAGRAMAÇÃO E CAPA  
Álvaro Coelho

REVISÃO  
Roberto Santos de Carvalho

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L555      Lemos, Geraldo Lavigne de  
                Poemas furtas-cores / Geraldo Lavigne de  
Lemos. – Ilhéus, BA: Editus, 2018.  
      54p.; il.

ISBN: 978-85-7455-466-2

1. Poemas em prosa. 2. Poemas em prosa  
brasileiros – Bahia. 3. Linguagem e línguas. 4.  
Literatura brasileira. I. Título.

CDD 869.91

Elaborado por Quele Pinheiro Valença – CRB-5/1533

**EDITUS - EDITORA DA UESC**  
Universidade Estadual de Santa Cruz  
Rodovia Jorge Amado, km 16 - 45662-900 - Ilhéus, Bahia, Brasil  
Tel.: (73) 3680-5028  
[www.uesc.br/editora](http://www.uesc.br/editora)  
[editus@uesc.br](mailto:editus@uesc.br)

EDITORIA FILIADA À



Associação Brasileira  
das Editoras Universitárias

## Sumário

- 7 Nota do autor
- 9 Prefácio
- 13 Prólogo  
xisto
- 15 Instruções para leitura dos  
poemas furta-cores
- 17 Poemas furta-cores  
noturno
- 19 paralela não dito<sub>sa</sub>
- 21 faina
- 23 anverso
- 25 artefato
- 27 atalho
- 29 colheita
- 31 pleito final
- 33 solidão
- 35 vias
- 37 regicida
- 39 primavera
- 41 regra de equilíbrio
- 43 deveres
- 45 escara
- 47 Anexo  
A Ciência nos “poemas furta-cores”
- 53 Apêndice  
Os matizes poéticos

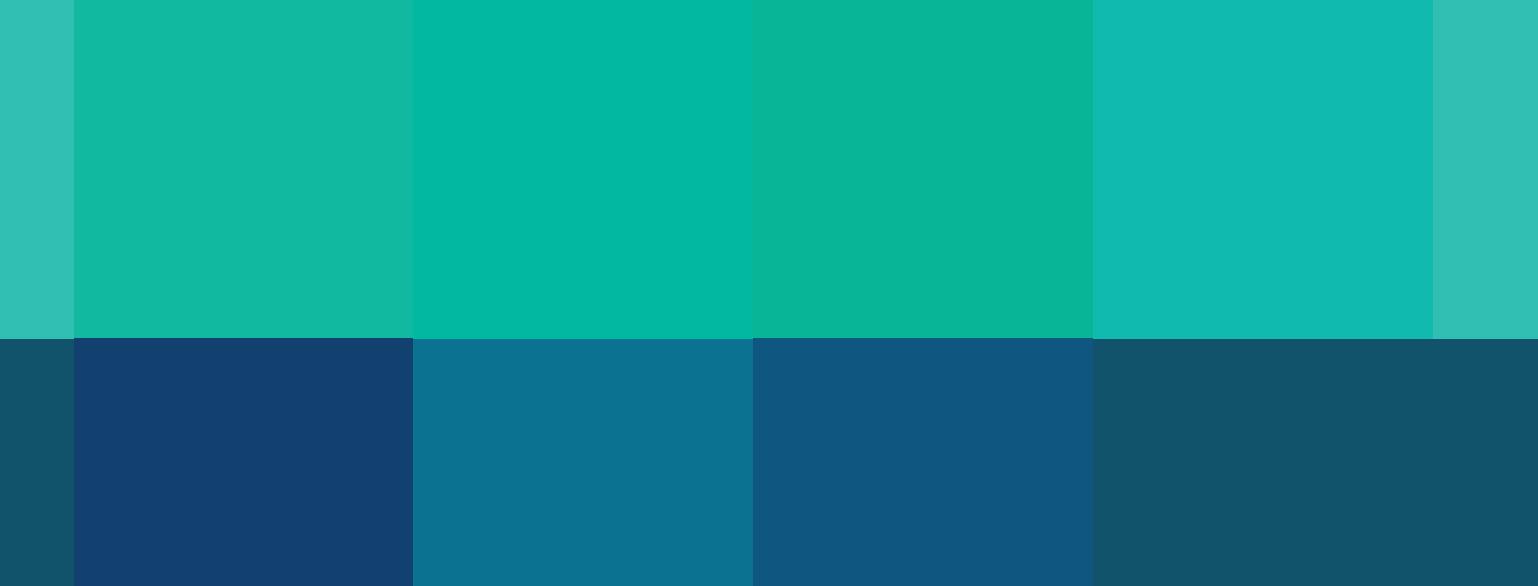


## Nota do autor

Acredito no tempo de determinados eventos em nossas vidas. Eis aqui um caso – que muitos chamam de acaso. Em 2008, expus um poema repartido, denominado poema sobreposto, durante a Exposição Interativa Tempos Invernosos. Uma parte do texto estava impressa em papel opaco; a outra (com algumas interseções), em papel translúcido. Era possível ler um poema distinto em cada uma das partes (ou, em outras palavras, em cada uma das folhas de papel) e um terceiro poema quando se deitava o papel translúcido sobre o opaco. Encerrado o período da exposição, o poema permaneceu em meus arquivos como uma semente em estado de latência. Aguardava que, após o inverno, viesse a luz.

O clima mudou somente em 2014, quando o amigo e professor de física Joaquim Souza Jr. me procurou. Ele desenvolve aulas experimentais para que os alunos percebam a ciência no dia a dia e despertem em si a curiosidade necessária ao conhecimento. Então, ele lançou uma nova ótica sobre o referido poema: substituiu o modo de execução, antes baseado no tipo de papel, para, agora, fundamentá-lo na utilização das cores. Em seguida, enviou-me fotografias do teste. Aquela visão foi tão encantadora que imediatamente debrucei-me sobre a poesia, escrevi novos versos e reestruturei a forma de leitura. Senti-me como um artesão presenteado com um novo instrumento, entusiasmado a modelar a matéria-prima. Depois, contei com a paciência de Daniel Delgado durante inúmeras tentativas até encontrar as cores certas da impressão. Agora, na Editus, o trabalho encerra o ciclo em um primoroso projeto de edição.

Certa ocasião, aprendi que usamos óculos coloridos conforme a nossa concepção de mundo. Também que novas percepções alteram a cor dos nossos óculos de tal maneira que jamais continuaremos apenas com a original. Vivenciar esta aproximação entre ciência e literatura desbloqueou novos matizes no espectro dos meus olhos, antes filtrados pelas lentes que usei. Hoje enxergo melhor e me pergunto quanto ainda não enxerguei. Esta obra resulta da envolvente empreitada à qual me dediquei com paixão. Espero que ela provoque nos leitores os sentimentos que me acometeram. Com vocês, os poemas furtas-cores.



## Prefácio

Entre o previsto, o visto e o antevisto – nuances dos poemas furgaços!

A obra intitulada de *Poemas furgaços* é [em verdade] mais do que um livro de poemas, é [antes de tudo] um experimento de duplo aspecto com a linguagem – o literário e o científico. Composto de pequenos poemas – 16 peças que formam a totalidade prismática de um “caleidoscópio” imaginário –, este opúsculo contém, em si, sutilezas de uma profundidade suspeita para quem não sabe ler [nem auscultar, pela imagem] o sentido do dito, no silêncio das entrelinhas. Cada poema parece carregar no seu ser o protótipo simbólico de um Proteu [ente susceptível de mudanças, de forma ou estrutura], pois, a depender do olhar [do jogo a que se propõe a estrutura de ordenação das palavras nos poemas], o que se percebe é a modificação do sentido e do dizer, já dito, no supradito. Cada poema parece metamorfosear-se em outro, e depois em outro, do outro, num jogo de luz e sombra. Nesse caso aqui, poderíamos dividir com o Wittgenstein das *Investigações Filosóficas* (564) uma ideia simples sobre a articulação, nos poemas, entre o jogo, as regras e o entretenimento, afinal, “o jogo, diríamos, não tem somente regras, mas tem também graça”.

A impressão que temos é bastante clara: cada poema se apresenta como uma peça num metafórico jogo de xadrez, cujo movimento depende da estratégia do olhar do leitor que deve se submeter ao jogo de luz e contraluz, ou melhor, ao jogo de esconde-esconde das palavras, no acontecer simbólico da escrita – somente assim, o jogo se mostra naquilo que é: uma possibilidade gestada pela multiplicidade de sentido. Dessa forma, este pequeno livro de poemas é também um exercício de um jogo de linguagem. E, como todo jogo, este é, igualmente, definido pelas regras.

Em nosso entendimento, o livro só se justifica a partir da sua concepção e da presença da juxtaposição dos filtros que poderão [e deverão] propiciar o acontecer de sombra e luz de cada uma das peças do jogo. No mínimo, cada poema traz em si mais um poema: uma possibilidade gestando outra. Tudo parece mesmo, como diria Wittgenstein, um mero “jogo de linguagem”. A obra contém na sua diagramação um tratamento cuidadoso, pois o sucesso e sentido deste opúsculo depende desses filtros, i.e., das gelatinas de coloração específicas que amplificam e fundamentam o efeito esperado em cada poema.

Com esse recurso os 16 poemas são multiplicados por 2 ou por 3, a depender do caso, e temos, ao final, 42 peças. Acreditamos, desse modo, que o livro, na sua apresentação ingênuo de um jogo [ou seja, com a estratégia multifacetada da escritura, ou da múltipla possibilidade de cada poema se desmembrar em outros, ou desfazer-se em outros], revela o valor literário de cada um dos dezesseis poemas que compõem a obra.

Uma outra característica deste pequeno livro é que cada poema parece trazer [em si] um certo toque metafísico e existencial de grande ousadia e estilo. A brevidade de todos os poemas fortalece ainda mais o aspecto positivo deste opúsculo. Sobre esse aspecto fundamental da obra, se admitirmos [com Ítalo Calvino] que a brevidade de um texto é uma das características mais marcantes da literatura contemporânea, então, os poemas deste livreto carregam o mérito mais alto. Vejamos dois exemplos. Nos poemas *atalho* [“anteveja o destino/ suspenso/ desvia a viagem/ cedo/ o caminho curvo/ tem seus medos”] e *vias* [“fizera apenas/ de coração/: no gesto trazia/ o peito/ abnegado”] a síntese e a brevidade ocupam o lugar profundo de um universo de possibilidades de sentidos. Muito se diz, justamente, dizendo o mínimo possível. Mostra-se o todo utilizando o quase nada dos signos. O minimalismo de cada um dos poemas pode, facilmente, enganar [ou seduzir] o leitor incauto para uma rápida conclusão de que a obra é fácil de ser lida ou digerida. Complexo na sua composição, hermético

na forma, no entanto, profundo e leve na sua intenção – eis o valor literário deste opúsculo. Os poemas parecem máximas e setas, a quem eles se dirigem? Aos olhos ou aos ouvidos? A ambos.

Os poemas *furta-cores*, portanto, não apelam para a recitação que massageia os ouvidos, ao contrário, eles seduzem aos olhos pelo jogo de justaposição dos filtros coloridos que escondem signos para mostrar outros sentidos, no já dito e revelado. Fizemos o experimento. Ousamos justapor com os filtros os poemas e verificamos neles o mistério da mutação e da transformação de Proteu no seu ser outro. A ideia básica deste livreto é jogar, todo o tempo, com o físico e o metafísico. É aqui, nos parece, que ciência e literatura convergem como a luz poética projetada que atravessa o metafórico prisma da linguagem. Há algo de concreto nesses poemas, algo de misterioso e sedutor nas suas imagens, algo de sombrio e luminoso em cada um dos versos, algo de insólito e comum no seu todo. Temos aqui uma obra desafiadora e inusitada, um trabalho inovador e surpreendente, um risco e uma aposta.

A obra é marcada por um jogo de mutações e ambiguidades que enriquecem cada um dos poemas nas suas possibilidades de ser. E, com isso, enriquece da mesma forma o leitor na sua experiência ótica de busca do sentido das palavras, dos signos e das expressões. Assim, se Lacan (1985:63-64) pudesse ter acesso a esta obra certamente poderia dizer: “Da escrita, depois que a linguagem existe, nós vimos as mutações. O que se escreve é a letra, e a letra não se fabricou sempre da mesma maneira”. O que aqui se inaugura é o paradoxo da fabricação do mesmo repetindo-se indefinidamente em seu ser outro. Cada poema é, assim, o outro de um outro que se mostra o mesmo, sendo juntamente um outro. Teríamos aqui nesta obra um grande e belo devaneio? Seria este livro de poemas um devaneio da palavra poética, ou da matéria poética em forma de linguagem? Encontramos no livro as letras, os filtros, os versos, as imagens, as metáforas, os silêncios e tudo o mais que, em conjunto, forma a paisagem desenhada pela tinta que escreve e borda o poético.

Bachelard (1994:46) talvez tenha razão ao afirmar que “a tinta de escrever, por suas forças de alquímica tintura, por sua vida colorante, pode fazer um universo, se apenas encontrar um sonhador”. Eis, o objetivo desta obra – encontrar sonhadores que sejam capazes de sonhar um sonho furtá-cor. Por fim, ousamos, agora, citar Leminski, que muito bem sintetiza o sentido daquilo que este opúsculo carrega e exigirá dos seus futuros leitores: “Ler, ver,/ e entre o V e o I/ entrever aquele/ R/ erre/ que me (revê) revele”. Na sequência do poema Leminski é enfático:

“Ler trevas. Nas letras, ler tudo o que de ler não te atrevas. Ler mais. Ler além. Além do bem. Além do mal. Horas extras ou etcéteras, adeus, amém. Busquem outros a velocidade da luz. Eu busco a velocidade das trevas”.

Os *poemas furtá-cores* querem ser a luz que ilumina as trevas das entrelinhas do não dito, supradito, em cada verso. Talvez cada poema contenha no seu âmago o destino de ser outro diferente daquilo que é. Esta pequena obra, poderá, portanto, ser uma resposta à proposição final do *Tractatus lógico-philosophicus* de Wittgenstein, que diz: “o que não se pode falar, deve-se calar”. E nós acrescentamos, parodiando o célebre filósofo da linguagem: o que não pode ser visto, não pode ser antevisto, mesmo que o antes visto seja o que é, no dito, o menos previsto! Com uma única frase fechamos nossa análise: filtrar o dito pelo prisma da linguagem é a meta fundamental que os sonhadores deverão buscar nestes *poemas furtá-cores*.

*Piligrá*  
Professor de Filosofia e Poeta.

## Prólogo

xisto

parecia sólido  
aquele texto laminado  
de um invulgar e natural  
estratificado

como pode  
um poema  
existir  
dentro do outro?

artesanatos aquilatados  
na decomposição estável  
dos depósitos

---

Lê-se todo o texto ou somente o que está escrito em cada uma das cores azul ou vermelha, permitindo três versões do poema. Aplica-se, aqui, o inverso do que será proposto nas próximas páginas.



## Instruções para leitura dos poemas furta-cores

Todos os poemas que integram a seção poemas furta-cores são semelhantes em funcionamento, embora possam ser executados de diversas maneiras. A proposta do presente livro é utilizar filtros de luz (aquela película conhecida como gelatina, comum na iluminação de teatro) para conseguir ver apenas as cores que os filtros não bloquearem. O poema aparece no livro com cores próprias de fundo e letra. A transição da leitura entre as versões de um mesmo poema é obtida posicionando o filtro de luz entre o livro e os olhos. Alguns poemas foram escritos para apenas um filtro; outros, para dois.

Caso o leitor não esteja com os filtros em mãos, pode ler corretamente o conteúdo dos poemas das seguintes maneiras: 1) lê-se todo o texto; 2) lê-se o texto restante, com exclusão da cor vermelha (ou, em outras palavras, lê-se apenas o preto e o azul); e 3) lê-se o texto restante, com exclusão da cor azul (ou, em outras palavras, lê-se apenas o preto e o vermelho).

# Poemas

de poesía contemporánea

en la colección de poesía

de la editorial de poesía

en la colección de poesía

de la editorial de poesía

en la colección de poesía

de la editorial de poesía

en la colección de poesía

de la editorial de poesía

en la colección de poesía

de la editorial de poesía

en la colección de poesía

de la editorial de poesía

en la colección de poesía

de la editorial de poesía

# furta-cores

noturno

sinto gosto  
da noite  
como quem beija  
a boca amada  
impávido

possua  
insensatez sem  
nódoa escura  
e se deixe envolver até  
o amanhecer

# Poemas

# furta-cores

paralela não ditosa

o magoado rapace  
sentido com ardor  
encontra mandinga,  
nu, desamor exposto,  
anti-imperialista, delira,  
esteve cego sobre  
o que o tremendo anseio de  
despudor que o fez servo  
motivou

# Poemas

# furta-cores

faina

**dos  
comandantes  
vividos  
náufragos fui e nada guardo  
sigo  
vivo** porém  
**enquanto ontem  
assombra do amanhã**

# Poemas

# furta-cores

anverso

comodidade não interessa  
alienação sepulta jovens e velhos

quando o aprendizado anoitecer  
os argumentos da submissão,  
construiremos

# Poemas

# furta-cores

artefato

sobrevivo  
da arte,  
desconhecer  
o valor monetário  
faz parte.

inexiste estima  
do quanto custa o  
intangível da alma

# Poemas

# furta-cores

a~~talho~~

anteveja o destino  
sus~~penso~~

desvia a via~~gem~~  
cedo

o caminho curvo  
tem seus medos

# Poemas

# furta-cores

colheita

praga lham  
contra as bruxas,  
pesadelo de  
lavradores  
do cacau

a verdade – a doença  
despejada  
pelos atores

# Poemas

# furta-cores

pleito final

o pleito  
revela o estampido da  
repetição

encerram-se vistas

o que não foi dito  
cala-se  
então

# Poemas

# furta-cores

solidão

no  
uniuerso  
da memória,  
salvaguardo  
a estrela

afoito  
navego  
o escarcéu  
do maior  
desterro  
e  
reinvento ela  
no meu  
astrolábio

# Poemas

# furta-cores

vias

fizera apenas  
de coração  
: no gesto trazia  
o peito  
abnegado

# Poemas

# furta-cores

regicida

prepara,  
antes que seja tarde

quem  
disperde o  
destino,  
deflagra  
a marcha do  
carma

diz o tempo:  
– engatilho  
a série de  
sentenças escritas  
no livro permanente

# Poemas

# furta-cores

primavera

a brandura  
comove  
o poder

o inverno  
antecede o  
redemoinho  
de floração  
que o verão  
sucede

# Poemas

# furta-cores

regra de equilíbrio

contratempos são  
arranjos desajustados

podemos vencer o  
enduro por meios  
extraordinários

a vida não  
atordoa os adversários,  
mas aceita que a suavidade  
seja bem-vinda  
e consuma o sofrimento  
nos escombros  
de quem perde porque joga

# Poemas

# furta-cores

deveres

não invoquem  
algozes em vão

eles não  
conferem  
minha inocência

sou assim e  
não uso nunca paracidas  
no amor

# Poemas

# furta-cores

escara

cansou de virtude  
longeva.  
descobriu-se  
bastardo, vil,  
e sem saber.

atento u para  
a vereda misteriosa.  
quis aventurar  
o que, deveras,  
o passado ensina  
sobre quem,  
onde e  
quando.



## Anexo

### A Ciência nos “poemas furta-cores”

Por: Joaquim Souza Jr.<sup>2</sup>

joaquim.junior@urucuca.ifbaiano.edu.br

É provável que os “poemas furta-cores” tenham despertado algumas inquietações. Possíveis questionamentos talvez tenham sido: **Por que certas palavras somem quando utilizo os filmes coloridos? Por qual motivo algumas palavras deixam de ser vermelhas ou azuis e ficam pretas?** A Ciência, mais particularmente a Física, tem as respostas para estas perguntas. E, pode acreditar, são bem simples. Vejamos:

Só enxergamos os poemas porque eles estão sendo iluminados e parte da luz que incide sobre a folha é refletida para os nossos olhos. A fonte de iluminação dos poemas (sol e/ou lâmpadas) é composta por todas as cores do espectro visível, que juntas aparecem como branco. Apesar de a luz branca ser composta por infinitas cores, costumamos dividi-la em sete: vermelho, laranja, amarelo, verde, azul, anil e violeta.

---

<sup>2</sup> Licenciado em Física pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) e Mestre em Ensino de Ciências (Modalidade: Física) pela Universidade de São Paulo (USP). Atualmente é professor do Instituto Federal Baiano – *campus* Uruçuca. Além das atividades docentes, atua em projetos de pesquisa e extensão na área de Divulgação e Popularização da Ciência e de inserção da Física Moderna e Contemporânea no Ensino Médio.

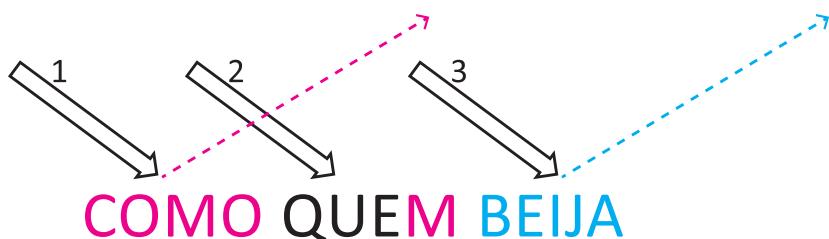
FIGURA 1 – Representação decomposição da luz solar: luz branca passa pelo prisma e se decompõe em todas as cores do espectro visível



No processo de reflexão da luz ocorre, entre outros, o fenômeno físico denominado de **reflexão seletiva**, que é o responsável pela coloração das letras. Esta espécie de seleção de cores acontece devido à propriedade que os pigmentos (ou tintas) têm de absorver uma parte da luz e de refletir o restante. A tinta azul, por exemplo, tem a característica de absorver a maior parte da luz, refletindo apenas o azul. Já o pigmento vermelho absorve a maior parte da luz e reflete a vermelha.

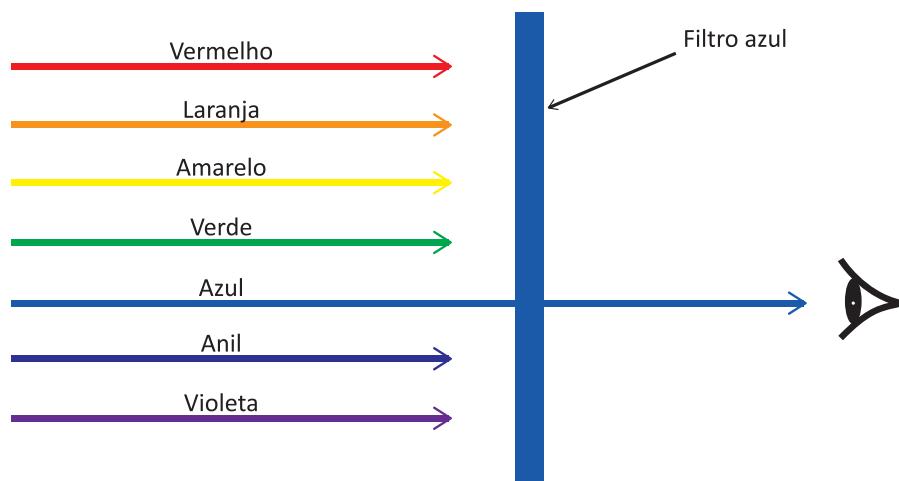
Por outro lado, o pigmento preto tem a propriedade de absorver toda a luz, isto é, não ocorre reflexão. Nestes casos em que a luz é completamente absorvida denominamos tal coloração de preto (ver figura 2).

FIGURA 2 - Luz branca incidindo sobre as palavras impressas no papel: 1) reflexão da luz vermelha; 2) absorção de toda a luz; 3) reflexão da luz azul



Para a leitura dos poemas são utilizados filmes coloridos, que funcionam como filtros de cor. O filme azul, por exemplo, absorve todas as cores e deixa passar apenas o azul. Este fenômeno é chamado de **transmissão seletiva** (ver figura 3).

FIGURA 3 – Representação da transmissão seletiva da luz. O filtro azul absorve todas as cores da luz branca, permitindo a passagem apenas da luz azul.

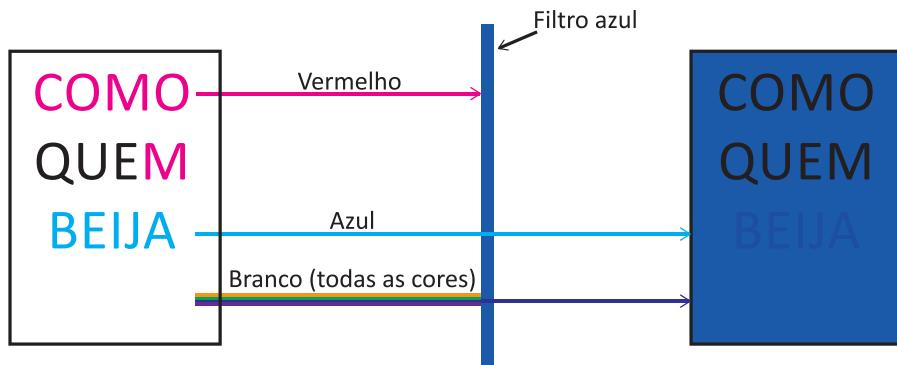


A leitura dos “poemas furta-cores” é baseada nesses dois princípios físicos: reflexão e transmissão seletivas.

No trecho “**como quem beija**” do poema “**noturno**” enxergamos inicialmente as cores vermelho, azul, preto e o branco (cor do papel).

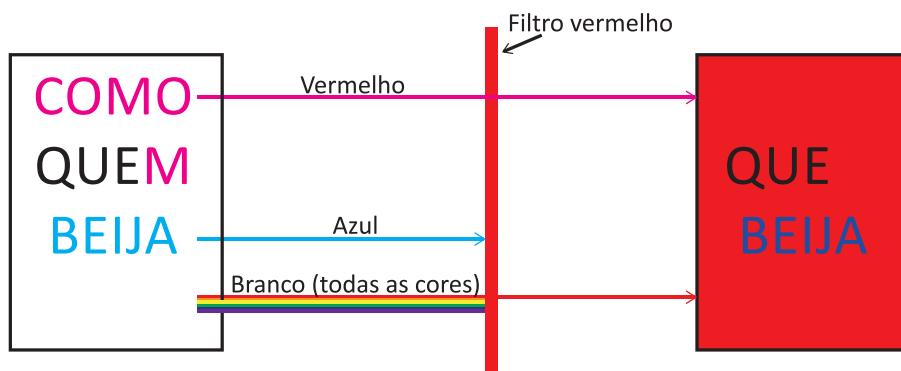
Com o uso do filme azul todas as cores são absorvidas, exceto o azul. Desta forma, temos a sensação de que a palavra “**beija**” desaparece, pois sua cor se mistura com a coloração agora azul do papel. Já as letras em vermelho passam a ser vistas como preto (ou uma cor bastante escura), pois praticamente toda a luz por elas emitida foi absorvida pelo filtro (ver figura 4).

FIGURA 4 – Luz vermelha: absorvida / Luz azul: transmitida / Luz branca: absorvida, exceto o azul.



Utilizando o filtro vermelho todas as cores são absorvidas, exceto o vermelho. Assim, a palavra “**como**” e a letra “**m**” deixam de ser vistas, pois sua cor se mistura com a coloração vermelha do papel (proporcionada pela utilização do filme vermelho).

FIGURA 5 - Luz vermelha: transmitida / Luz azul: absorvida / Luz branca: absorvida, exceto o vermelho.



Outra forma de ler os poemas e obter o mesmo efeito é utilizando lâmpadas coloridas em vez dos filtros. Para tanto é necessário que o ambiente esteja completamente escuro e que se faça o uso de três lâmpadas: uma branca (para ver todas as letras), uma azul (para “sumir” com as letras azuis) e uma vermelha (para “sumir” com as letras vermelhas).

Ao iluminar com uma luz azul o papel que era branco, este passará a ter uma coloração azul. Desta forma, não vai existir diferença (ou contraste) entre a cor das letras azuis e a cor do papel. Já as letras em vermelho passaram a ser vistas como pretas, pois o pigmento em questão não é capaz de refletir a luz azul (pigmento vermelho absorve praticamente todas as cores e reflete apenas o vermelho).

FIGURA 6 – 1) Papel sendo iluminado por uma luz branca; 2) Papel sendo iluminado por uma luz azul: letras azuis se confundem com a cor do papel e as letras vermelhas ficam pretas; 3) Papel sendo iluminado por uma luz vermelha: letras vermelhas se confundem com a cor do papel e as letras azuis ficam pretas.



Notou como a Ciência por detrás dos “poemas furtá-cores” é relativamente simples e muito interessante? A partir de dois conceitos físicos (reflexão e transmissão seletivas da luz) é possível ver a arte literária de uma maneira diferente. Nos “poemas furtá-cores” a Literatura e a Ciência, áreas aparentemente distantes, aparecem em perfeita harmonia.



## Apêndice

### Os matizes poéticos<sup>3</sup>

2014 estava perto de acabar quando Joaquim Souza Jr., professor de física, entrou em contato comigo interessado em ver um poema meu levado a público em 2008 e, desde então, arquivado. O “poema sobreposto” que ele buscava podia ser lido de três maneiras distintas, pois estava impresso repartido: uma parte em papel opaco e outra em papel translúcido. Em cada folha se lia um poema, surgindo um terceiro ao deitar o papel translúcido sobre o opaco — momento em que os textos se misturavam. Era um típico poema concreto.

Dias depois, Joaquim me enviou o resultado da aplicação experimental de um fenômeno ótico à ideia do poema. Ele substituiu o modo de execução, antes baseado no tipo de papel, para, agora, fundamentá-lo na utilização das cores primárias. As palavras de cada poema isolado foram tingidas de uma cor específica e as palavras comuns permaneceram pretas. A partir disso, e com o auxílio de filtros de luz (aqueelas gelatinas de coloração das luzes teatrais), foi possível impedir a visibilidade de alguns trechos do poema. Neste caso, a questão fenomenológica introduziu a ciência naquele poema concreto.

O resultado foi estonteante. Lancei-me imediatamente sobre a criação de mais poemas, desta vez pensados para aquela finalidade. Reparti palavras, cruzei sentidos e reestruturei a forma. Assim aconteceram os “poemas furta-cores”. A flexibilidade poética — uma característica primaz — permite que métodos inusitados participem de sua construção. Muitos artistas manejaram os conhecimentos ora apontados e, por isto, afirmo, as premissas deste projeto foram postas há muito tempo.

---

3 Texto escrito por Geraldo Lavigne de Lemos e publicado no espaço colaborativo São Paulo Review.

Francesco Rugi e Silvia Quintanilla lançaram um trabalho coletivo de arte e design situado em Milão e denominado Carnovsky lastreado no uso do RGB – as cores vermelha, verde e azul. Ao invés de textos, são imagens imbricadas. É uma belíssima experiência que pode ser vivenciada também pela internet. Outrossim, a capa do livro de Guimarães Rosa, “Grande Sertão: Veredas”, publicado pela editora Biblioteca Azul em 2014, emprega o mesmo efeito na capa, porém com texto. Uma luva de acetato serve como filtro de luz e modifica o aspecto visual da capa. Um trabalho admirável.

Na relação entre ciência e literatura, cumpre ressaltar os poemas de Augusto dos Anjos. Os versos revelam em seu conteúdo um poeta ligado à ciência e à filosofia de sua época. Embora incomum, esta trama encontra antecessor ainda antes do nascimento de Cristo. Lucrécio registrou em poesia a assimilação de aspectos filosóficos defendidos por Epicuro.

Regressando para a literatura nacional, destaco a relevância dos irmãos Augusto de Campos e Haroldo de Campos. Eles promoveram, sem dúvida, a renovação da poesia em solo pátrio, especialmente em termos concretistas. Inclusive, a poesia cromática de Augusto de Campos lavrada em 1953 sob o título de “Poetamenos” tem, com a devida licença, semelhanças com os “poemas fura-cores”. A qualidade poética igualmente se apresenta na verve de Haroldo de Campos, além da tradução de autores deveras importantes para o caso em tela. Foi dele a tradução de “Um lance de dados” (*Un coup de dés*), de Stéphane Mallarmé, que inaugurou a poesia tipográfica.

Longe de tentar assumir o vulto dos autores aqui citados, este é apenas um projeto que se põe. Alguns poemas são de dupla leitura; enquanto outros, de tripla. Os primeiros, portanto, exibem letras pretas e letras com uma cor primária. Os demais somam uma cor primária extra. Vejamos o poema “anverso”, originalmente escrito “comodidade não interessa / alienação sepulta jovens e velhos // quando o aprendizado anoitecer / os argumentos da submissão, / construiremos”. A leitura integral será a mesma acima, como se não existissem letras vermelhas. Já a leitura com o filtro revelará o poema “verso”, “como idade não interessa / alienação sepulta jovens e velhos // quando o aprendiz do ano tecer / os argumentos da submissão, / ruiremos”.

Há um vídeo de apresentação do projeto postado no YouTube. Ele será encontrado como resultado de busca do termo *poemas fura-cores*. Encerro estas últimas palavras com a esperança de que estes poemas provoquem no leitor o entusiasmo que senti.





## **IMPRENSA UNIVERSITÁRIA**

---

IMPRESSO NA GRÁFICA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ - ILHÉUS-BA